

Por amor à música

O concurso era sua última chance
para a carreira de concertista

Por LINDA DELIBERO

OLHANDO PARA a fulgurante audiência na ampla sala de concertos, Jon Nakamatsu sabia que aquele era o momento: a apresentação mais importante de sua vida. O americano de 28 anos estava prestes a tocar na etapa final do Concurso Internacional de Piano Van Cliburn de 1997, disputando um dos mais prestigiados prêmios musicais do mundo.

Jon tinha quebrado todas as regras implícitas que governam o mundo da música clássica. Os outros finalistas haviam estudado em conservatórios famosos – como o Juilliard – e devotado dias e noites a exercícios incessantes. Jon tinha passado os últimos seis anos dando aulas para o 2º Grau e estudara piano com a mesma professora desde os 6 anos de idade.

Não pertença a esse lugar, pensou Jon. Os críticos musicais concordavam e escreveram que Jon, embora afetivamente fosse o favorito, como o único americano a chegar à final,

Perseguindo o Sonho– ‘Não toque para vencer’, Jon Nakamatsu pensou. ‘Toque porque ama a música.’





© DAVID FUKUMOTO

Arma Secreta— Marina foi professora de Jon durante 22 anos.

não era páreo para os outros competidores, mais bem preparados. Além disso, nenhum americano ganhara o Cliburn em 16 anos.

Um dos destaques era Yakov Kasman, brilhante russo que, na noite anterior, oferecera ao público uma execução incrivelmente comovedora do difícil concerto nº 3 para piano de Rachmaninoff. E o que Jon tocaria? Rachmaninoff.

Flexionando os dedos nervosamente, lembrou-se das palavras da professora Marina: “Não toque para vencer, Jon. Toque porque ama a música.” Um leve sorriso cruzou o

rosto de Jon. Por mais vantagens que os outros tivessem, ninguém mais tinha Marina.

VINTE E DOIS ANOS haviam se passado desde que Marina Derryberry sorria ao pequeno menino de 6 anos que, agarrado às partituras, batera à sua porta em Sunnyvale, Califórnia. Ela achou o olhar do menino ávido e inteligente, porém era ainda muito jovem para sentar-se ao piano por longas horas.

Em geral, Marina não se dispunha sequer a ouvir uma criança tão pequena, mas David Nakamatsu, o

pai do menino, era um dos melhores amigos de seu marido.

– Meu filho não vai me deixar em paz até começar a ter aulas – disse David.

Marina concordou então com uma audição.

Naquele dia o rosto infantil de Jon se iluminou ao ver o grande piano de cauda.

– Posso experimentar? – pediu ele.

Observando os pequenos dedos de Jon executarem a música, com os pés balançando bem acima dos pedais, ela pensou: *Ele é bom. Quanto entusiasmo!*

Marina logo se deu conta do talento e da disciplina do menino. Além daquele indefinível algo mais que um professor de música talvez só consiga presenciar uma vez na vida: a extraordinária ligação com o instrumento.

– Certo – disse ela. – Vamos começar com dez aulas. Depois disso, veremos.

Jon amava as tardes em que Marina explicava como *sentir* um trecho musical.

– Está ouvindo esse *intermezzo* de Brahms? – dizia a professora, tocando para o aluno. – Essa passagem é profunda e escura, como uma floresta num sonho. Não toque simplesmente. Explore as sensações!

Mais tarde, Marina explicou aos pais de Jon que ele tinha grande potencial e que era necessário um treinamento mais rigoroso. No entanto os Nakamatsus, filhos de imigrantes japoneses habituados a uma vida du-

ra, temeram que Jon estivesse atrás de um sonho que poderia levar a nada.

– Quais as possibilidades de que Jon possa se sustentar com isso? – perguntou David, cético.

– Muito poucas – admitiu Marina. – Jovens pianistas que se tornam concertistas são tão raros como patinadores no gelo aptos a participar de uma Olimpíada – explicou ela. – Milhares são eliminados em competições de nível local, estadual e nacional.

Os Nakamatsus concordaram em deixar que o filho lutasse pelo sonho. Mas fizeram com que a música não interferisse em sua vida normal – escola, amigos e família.

AOS 9 ANOS, Jon estava pronto para o primeiro recital como solista. Sentou-se diante de um grande piano de cauda; agora alcançava os pedais com a ponta dos pés. Na platéia, a audiência estava em expectativa. De repente, dúvidas cruzaram a mente de Jon. Seus dedos lhe obedeceriam? Será que iria cometer erros? Encontrou o olhar de seus pais e a presença reconfortante de Marina na platéia. Ela assentiu com um lento movimento da cabeça.

Quando Jon terminou, uma onda de aplausos explodiu. Seguiram-se mais recitais, cada um superando o sucesso do anterior. O toque da criança se tornou mais seguro, cada nota ganhando cor e intensidade. Quando Jon tinha 12 anos, Marina falou com um professor do conceituado Instituto Curtis de Música, na Filadélfia, sobre a admissão de Jon.

Ela disse aos pais dele que essa era a grande chance do menino. No entanto, eles não estavam inteiramente convencidos.

– Queremos que Jon tenha uma infância normal – disse Karen Nakamatsu. – A música é importante. Mas ele deve ter uma sólida base acadêmica com que possa contar.

Naquele momento, Marina viu suas esperanças em Jon se despedaçarem. Por isso fingiu não ouvir quando ele lhe perguntou:

– Mesmo assim, ainda posso me tornar um concertista?

Ela sabia que a carreira de concertista era praticamente impossível sem a preparação num conservatório.

Depois de pensar, Marina decidiu o que fazer. Se os alunos de um conservatório tocavam em pequenos grupos, Marina podia formar um para Jon. Se tinham muitas oportunidades de tocar em público, Marina podia tornar-se a agente de Jon e marcar o maior número possível de concertos. Cuidaria para que ele tivesse aulas com pianistas importantes. Na verdade, Marina tornou-se uma espécie de conservatório exclusivo, enquanto Jon, agora adolescente, praticava diariamente durante horas.

QUANDO CHEGOU a época da universidade, Jon pensou melancolicamente no Instituto Curtis. Mas, seguindo a vontade dos pais, fez provas para a Universidade de Stanford e passou. Especializou-se em alemão e preparou-se para seguir carreira como professor.

Depois de formado, começou a dar aulas de alemão no 2º Grau. A idéia de se tornar concertista parecia fora de cogitação. Para Marina, a luta pelo sucesso de seu aluno tornou-se quase uma ocupação de horário integral. Era freqüente que passasse a noite em claro, tentando conciliar a agenda de concertos de Jon com os compromissos como professor. Muitos dos amigos de Marina no mundo da música achavam exagerada sua devoção àquele único jovem.

Todos os dias depois do trabalho Jon se sentava ao piano e praticava por três horas. Enquanto isso, seus concorrentes, nos conservatórios, praticavam dia e noite.

Em 1995, Jon já havia vencido dois concursos importantes e vários outros de menor projeção, e foi convidado para participar do Concurso Internacional de Piano Frederic Chopin. Finalmente, o trabalho árduo parecia estar dando frutos. Ele seguiu para Varsóvia com Marina, mas foi eliminado na primeira fase.

– Será que foi loucura acreditar que um professor de 2º Grau poderia ser também um músico de verdade? – perguntou ele, claramente desanimado.

Marina também sabia que, no mundo extremamente competitivo da música clássica, o tempo



© AP PHOTO/VAN CLIBURN FOUNDATION/RON JENKINS

estava se esgotando. De volta aos Estados Unidos, um empresário veio ouvir Jon, agora com 27 anos, e crivou-o de perguntas acerca de seus ganhos e compromissos.

– Você tem de vencer um concurso internacional importante – disse. – Se aos 30 anos não tiver um nome que garanta casa cheia, não podemos marcar concertos para você.

Havia um concurso que poderia levar ao topo mesmo um músico desconhecido: o Cliburn. Jon se inscrevera uma vez, mas não passara sequer pela triagem. Essa seria sua

última oportunidade no evento quadrienal. Na próxima vez, teria mais de 30 anos – velho demais, pelo regulamento do concurso.

– Você tem de ir, Jon – insistiu Marina. – O que quer que aconteça, vamos enfrentar juntos.

Algumas semanas mais tarde, Jon mal podia acreditar que fora selecionado para o grupo de 35 pianistas que viajaria ao Texas para disputar o Cliburn. Escolhido para tocar no início da primeira fase, Jon começou bem, até que seus dedos se descoordenaram.

Os Seis Melhores– Os finalistas do concurso de 1997 ao lado do famoso pianista Van Cliburn, 63 anos, que inspirou o evento.



Vieram-lhe à mente as palavras de Marina: "Não toque apenas, Jon. Faça música!" Ele se recuperou, ficando cada vez mais seguro à medida que a sonata de Brahms prosseguia. Mas essa recuperação seria suficiente?

Pareceu que uma eternidade se havia passado até o júri anunciar os 12 semifinalistas. Jon Nakamatsu estava entre eles. Na fase seguinte, com desempenho magnífico, classificou-se para as finais. Agora, dez dias depois, o traçoeiro Rachmaninoff esperava por ele.

Naquela noite, a platéia de três mil pessoas se perguntava o que seria capaz de fazer o pobre professor. Marina estava na última fila. Quando as luzes diminuíram, ela viu o aluno que se tornara seu filho musical cruzar o palco para se sentar ao piano. *Que ele possa tocar bem*, rogou Marina, a respiração contida.

Os dedos de Jon voaram pelas teclas com entusiasmo crescente, à medida que dominava cada passagem difícil do concerto. Desaparecera o tranqüilo professor. Em seu lugar, lá estava um artista, tocando com imaginação, força e energia, *fazendo música*.

Ao soar a última nota, a multidão ficou de pé, em meio a aplausos estrondosos. Jon recebeu a ovação sem se importar se tinha vencido ou per-

dido. Sabia que nunca havia tocado tão bem.

Ao serem anunciados os ganhadores das medalhas de bronze, prata e ouro, Jon pensou que o ouro deveria ir para o muitíssimo talentoso Yakov Kasman. Primeiro, o maestro anunciou a medalha de bronze: Aviram Reichert, de Israel. Então, lenta e dramaticamente, informou:

— O ganhador da medalha de prata é... Yakov Kasman!

Com lágrimas nos olhos, Jon percebeu que restava apenas um prêmio — o ouro — e um nome — o seu.

Na entrevista coletiva que se seguiu, críticos de música perguntaram a Jon a respeito de seu triunfo.

— Meus pais — disse ele — mantiveram meus pés no chão, enquanto Marina manteve meu sonho sempre vivo. Todos nós, juntos, estávamos destinados a vencer.

Jon Nakamatsu assinou um contrato de dois anos com a Fundação Van Cliburn, que garante a realização de concertos e gravações aos que obtêm a medalha de ouro. Seu novo CD, dedicado a Chopin, foi lançado em outubro de 1998, na ocasião de sua estréia no Carnegie Hall, em Nova York.

Dois brasileiros já ganharam o prêmio Van Cliburn: Cristina Ortiz, em 1969, e José Feghali, em 1985.

Os jardins são como os filhos: você pode admirar os dos outros de forma objetiva, mas nada se pode comparar com a satisfação e o prazer que dão os próprios. É aí que reside a verdadeira felicidade.

—HELEN GUNN em *Country Life* (Londres)